



UM JORNALISTA
EM DEFESA DA
LIBERDADE

Geraldo de Majella

BAGAÇO

Geraldo de Majella

**Um jornalista em
defesa da liberdade**

Maceió/2014

Orelha

Dono de uma memória invejável, Geraldo de Majella é um arquivo vivo da história da esquerda em Alagoas. Privilegiado pelo exercício de uma intensa militância, travou contato com velhos e jovens militantes que construíram organizações e partidos de esquerda, fizeram a resistência à ditadura e travaram intensa batalha pela redemocratização e pela anistia.

Um dos artífices da reorganização do PCB nos anos 1980, relacionou-se com seus antigos dirigentes, tendo conhecido muito bem suas trajetórias e a desse Partido em Alagoas, possibilitando estabelecer um fio entre passado e presente, tornando possível a escrita da história dessa organização entre nós, ainda tão pouco conhecida. Dessa experiência nos legou os livros *Mozart Damasceno: o bom burguês*; *Rubens Colaço: Paixão e vida. A trajetória de um líder sindical*, além de outros textos sobre Otávio Brandão, Gilberto Soares Pinto, Freitas Neto e Jayme Miranda. Sobre os Miranda, dedicou um artigo inteiro sobre a atuação dessa família e seus vínculos com o Partidão: “Comunismo em família” [Revista Novos Rumos].

Nesse novo livro, sobre a biografia do jornalista Denis Agra, presta uma oportuna e merecida homenagem a esse alagoano que lutou na clandestinidade junto a Manoel Lisboa e Selma Bandeira nas fileiras do PCR durante a ditadura, foi presidente do DCE da UFAL e do Sindicato dos Jornalistas de Alagoas (sucedendo Freitas Neto), membro da comissão estadual provisória quando da refundação do PSB e posteriormente dirigente do PCB no estado.

Mas o livro vai além dessa biografia. Ao se debruçar sobre a vida de Denis Agra, tece, também, uma história da reconstrução do movimento sindical e da esquerda em Alagoas durante os anos 1980 e as lutas travadas pelos militantes em suas fileiras durante o processo de redemocratização.

Ouvindo histórias, gravando entrevistas, recolhendo documentos (em parte doados ao Arquivo Público de Alagoas, contribuindo com a constituição do acervo do projeto “Memórias Reveladas” do Arquivo Nacional), perseverando em sua guarda, com base neles e em sua própria vivência (veja-se seu *Caderno da Militância*), Majella tem nos presenteado com diversos textos fundamentais para conhecer e compreender os caminhos, as trajetórias desses homens, mulheres e organizações.

Fernando Medeiros

PREFÁCIO

Ao Mestre Dênis, via Majella, com carinho:

Enio Lins - Jornalista

Em boa hora o incansável Geraldo de Majella esvazia mais uma de suas gavetas e doa ao público outro ensaio biográfico, desta vez sobre Dênis Jatobá Agra.

Nas páginas seguintes, em formato “graciliânico”, conciso e dispensando floreios e ilações, Dênis Agra é lembrado em sua curta, porém significativa, passagem pela cena alagoana. Ligeira, por ter sido abrupta e precocemente interrompida aos 42 anos, é grandiosa e generosa a trajetória desse grande alagoano – como se lerá adiante. A título de um prefácio, fugidio da mediocridade de apenas repetir trechos do escrito pelo bom camarada Majella, opto por umas linhas nas quais tento resumir minha visão e testemunho sobre Dênis – talvez assim este espaço seja melhor aproveitado.

Minha primeira percepção do biografado foi a de um herói contemporâneo, um personagem próximo, embora sem nome ainda nos primeiros comentários, nos idos de 1973, sobre os estudantes “subversivos” então presos em Maceió. Daquela trupe, em verdade, o primeiro a ser identificado por mim foi Jefferson Costa – por sua condição de goleiro do CRB, time pelo qual tentava exercer uma militância como torcedor. Apenas quatro anos depois da *queda* do PCR, o nome do Dênis me seria identificável, e tornado próximo com muita rapidez, em função do amigo Mário Agra Júnior, irmão caçula dos Agra.

Assim, nos idos de 1977, primeiro, me foram relatadas, detalhadamente, as histórias de horror sobre a prisão e as torturas sofridas por ele e pelos demais companheiros presos. Em seguida, conheci pessoalmente o até então personagem mítico. Fui apresentado a Dênis por Mário Agra, na redação da Gazeta de Alagoas, onde fomos visita-lo. Era 1978 e havíamos sido eleitos para o Diretório Central dos Estudantes da Ufal, na primeira diretoria de esquerda da entidade depois de cinco anos decorridos da violenta deposição do grupo hegemônico pelo PCR; a hegemonia, um lustro depois, estava com o PCdoB, do qual éramos naquele momento (eu e Mário) simpatizantes e candidatos à militância.

A redação da Gazeta ficava então na Rua do Comércio, já apertada num prédio esquivo onde funcionavam também a Rádio Gazeta, parte da administração do grupo e a sempre impressionante rotativa, esta ocupando todo o pavimento térreo, descontado aí a escadaria de acesso aos dois andares superiores. A redação do “impresso” ficava no terceiro piso. Ficamos amigos nesse tempo, onde era praxe para o jornalista, ao interromper o trabalho de datilografia por algum motivo, emborcar a máquina de escrever a 90 graus, liberando a área no birô para apoiar as mãos (na maioria dos casos, para anotar à mão alguma coisa nalguma folha de papel almaço).

No final de 1979 me apresentaria, novamente, ao Dênis, numa redação. Desta vez era para me sugerir como jornalista, chargista, da recém-fundada Tribuna de Alagoas. Dênis foi, como sempre, um grande professor e companheiro, sem ser –como

nunca foi – paternalista: Na falta de um curso de Comunicação, até então, só era Jornalista quem provasse sê-lo na prática, e eu, ele foi claro e direto, nada entendia do jornalismo profissional. “Mas, como conheço seu trabalho no jornalismo estudantil e partidário, que nada têm a ver com o profissionalismo, vou lhe dar uma chance de você aprender: três meses de estágio probatório, ganhando salário-mínimo; depois desse tempo avaliaremos seu futuro. Topa?”. Meio amuado, pois além de ter editado o “Boca do Estudante” era o chefe de redação do “Tribuna Operária” em Alagoas, topei. E comprovei que ele estava certo, eu não sabia nada da profissão. Dênis foi meu primeiro professor de jornalismo profissional, secundado por outros fantásticos companheiros de redação, como Freitas Neto – em nome do qual resumo aqui todos os nomes professorais daquele tempo.

Além das lições profissionais, mesmo depois do surgimento da Faculdade de Comunicação, Dênis Agra foi um grande mestre formador de gerações na política sindical e na convivência ideológica entre contrários. Ao lado de Freitas Neto, é um dos fundadores do sindicalismo contemporâneo alagoano, consolidando as bases de uma gestão combativa, agressiva sem cair no corporativismo crasso, e politicamente posicionada sem ser sectária – missões nada fáceis como se pode ver pelo perfil atual das ondas sindicais locais e nacional.

Depois de findo seu período sindicalista, Dênis, com menos sorte em termos de resultados nas urnas, também exerceu destacada militância partidária. Sua escolha nesta seara, entretanto, recaiu sobre tempos mais ásperos que os vividos em seu protagonismo sindical, pois vivia-se época de aguçamento dos conflitos típicos da divisão ideológica da esquerda num momento particularmente delicado de enfraquecimento do modelo soviético, a nível global, e de efervescência brasileira em termos de alternativas de siglas legalizadas no pós-ditadura. Ainda assim ele deixou sua marca como dirigente partidário e candidato.

Infelizmente, um câncer agressivo interrompeu a vida de lutas do revolucionário Dênis Agra. Seus exemplos, sua trajetória, entretanto, mentem-se vivos e influentes, contribuindo para a formação de novas gerações.

Este livro, bem ao estilo Dênis Jatobá Agra, é mais uma aula prática. De história e de cidadania.

Denis Jatobá Agra (1950-1992), jornalista, nasceu em Viçosa-AL e faleceu em Maceió, no dia 22 de maio de 1992. O casal Fleurange Jatobá Agra e Mário Lopes Agra teve quatro filhos: Denis, Breno Jatobá Agra (1953-1994), Eliane Jatobá Agra e Mário Agra Júnior (1955). Iniciou os seus estudos em Atalaia, numa escola rural na fazenda Timbó, onde fez o primeiro ano do antigo curso primário. No ano seguinte foi transferido para a cidade de Viçosa, dando sequência aos estudos. Após concluir o segundo ano é transferido para Maceió. Na capital passa a estudar e viver no internato do Colégio Marista por cinco anos, onde estuda até o 2º Científico. Conclui o Científico no Colégio Moreira e Silva.

O seu desejo inicialmente era cursar jornalismo, mas não havia este curso na UFAL em 1969, sendo criado apenas dez anos mais tarde. Optou então por Medicina. Fez vestibular e foi aprovado.

As lutas estudantis mobilizavam parcela dos estudantes, e nesse contexto Denis cada vez mais se aproximou da militância clandestina de esquerda do curso de medicina e de outros cursos.

O Partido Comunista Revolucionário – PCR, organização fundada em Recife pelos alagoanos Manoel Lisboa de Moura, Valmir Costa e Selma Bandeira, possuía militantes e simpatizantes no *campus* da UFAL. O estudante de engenharia Ronaldo Lessa era a ligação entre os estudantes de Alagoas e os dirigentes do PCR em Recife.

Os espaços políticos a cada dia se estreitavam, até que em 13 de dezembro de 1968 o ditador Artur da Costa e Silva baixa o Ato Institucional nº 5 (AI-5). Esse ato acaba as últimas brechas de liberdade ainda existentes no país. As manifestações estudantis realizadas em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo foram reprimidas. Em Maceió também ocorriam manifestações e atos de protestos denunciando prisões e processos instaurados contra estudantes.

Denis Agra foi eleito presidente do Diretório Central dos Estudantes (DCE) para o biênio 1971/72, tendo Eduardo Bonfim na secretária-geral. Mas as lutas desenvolvidas pelas lideranças no âmbito da UFAL estavam circunscritas ao universo de resistência à falta de liberdade. Imperava o AI-5 e o Decreto 477, dois instrumentos de força que a ditadura utilizou para coibir as ações dos estudantes e de qualquer pessoa que ousasse se posicionar contra o regime militar.

Casa-se pela primeira vez com a estudante de medicina Denise de Medeiros Agra (1950), com quem tem quatro filhos: Clarissa de Medeiros Agra (1974), Candice de Medeiros Agra (1976), Carolina de Medeiros Agra (1978) e Denis Jatobá Agra Filho (1981). O segundo casamento é com a dentista Maria de Fátima Oliveira Carvalho [1954]. Dessa relação nascem duas filhas, Camila de Carvalho Agra (1990) e Carina de Carvalho Agra (1991).

Política na família

O envolvimento de Denis Agra com a militância política de esquerda influenciou os seus irmãos. Breno, o segundo dos irmãos e estudante de engenharia, deu os seus

primeiros passos na vida política quando era estudante universitário. Assim como Denis, Breno se aproximou do clandestino Partido Comunista Revolucionário (PCR).

Breno Jatobá Agra se destacou pelo seu jeito calmo e organizado. Por essas características, foi eleito pelos estudantes do curso de engenharia para presidir o diretório acadêmico no biênio 1972/73. Eliane, a única irmã, que desde a época de estudante participava das lutas estudantis, filia-se ao Partido Socialista Brasileiro em 1985 e, em 1988, ao PCB. Hoje é militante do PPS.

O engenheiro agrônomo Mario Agra Júnior fez o mesmo caminho: entrou para o mundo político ainda estudante, passou a integrar os quadros do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), foi eleito tesoureiro do Diretório Central dos Estudantes (DCE) durante o biênio 1978/79 e, em seguida, foi eleito presidente do diretório acadêmico de agronomia para o biênio 1979/80. Militou mais de duas décadas no PCdoB, onde foi militante de base, dirigente intermediário e dirigente estadual do PCdoB. Ao deixar a militância comunista, filia-se ao Partido dos Trabalhadores (PT), mas sua passagem no PT foi curta. Em 2007 rompe com o partido e se junta a outros ex-militantes petistas. Fundam o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), sendo eleito dirigente nacional da legenda.

Entre Partidos

A experiência política numa organização clandestina havia passado há mais de uma década. O Brasil vivenciava momentos de grandes mobilizações. A emenda Dante de Oliveira foi derrotada no Congresso Nacional em 25 de abril de 1984, mas as oposições continuaram lutando no Congresso Nacional e nas ruas por eleições diretas para presidente da República. Os militares davam nítidos sinais de que não poderiam ficar por muito tempo no poder e que a saída poderia ser, como de fato aconteceu, negociada.

O terreno da disputa continuava sendo o Congresso Nacional, mas nas ruas os sindicatos, associações de moradores, intelectuais, religiosos e artistas achavam-se mobilizados pelo fim do círculo dos governos militares iniciado em 1º de abril de 1964.

A transição da ditadura para a democracia foi construída pela passagem inevitável do Colégio Eleitoral, instrumento que elegeu a chapa Tancredo Neves e José Sarney em março de 1985. As eleições diretas para os prefeitos das capitais e das cidades consideradas áreas de segurança nacional ocorreram nesse mesmo ano.

Os partidos políticos clandestinos, os comunistas do PCB e do PCdoB, foram legalizados em 8 de maio de 1985, através de ato presidencial. O presidente José Sarney havia se comprometido a legalizar os partidos clandestinos, reconhecer a União Nacional dos Estudantes (UNE) e a Central Única dos Trabalhadores (CUT). Em 2 de julho de 1985, no Rio de Janeiro, reúne-se um grupo de antigos e históricos membros do Partido Socialista Brasileiro – PSB e tomam a decisão de refundar o partido. Na ocasião recebem a adesão de novos membros, que assinam a ata de refundação do PSB.

Em Alagoas, a comissão estadual provisória foi registrada no TRE no dia 28 de julho de 1985, constituída dos seguintes nomes: Eduardo Davino, presidente; Denis

Agra, secretário; Janice Vilela Brandão, tesoureira; Marcos Lopes, Rubens Jambo e Regis Cavalcante. As articulações para a criação do PSB no estado foram feitas pelo engenheiro e deputado estadual Ronaldo Lessa.

O PSB é o partido em que Denis Agra retorna à militância política, desta vez na legalidade, e é pela legenda socialista que se inscreve para concorrer na chapa de candidatos a deputado estadual nas eleições de 1986. O PSB apresenta candidato a governador, Ronaldo Lessa, e os demais partidos da coligação (PCB, PT, PL e PDT) compõem a chapa majoritária e proporcional.

A coligação formada pelos partidos de esquerda tinha um objetivo específico: resistir à entrada de Fernando Collor, João Lyra e Geraldo Bulhões no PMDB, em 1986. É essa a questão central e motivadora da fundação do PSB.

A formação do PSB em Alagoas não foi fácil nem tranquila nas suas relações internas. As disputas por espaços e as divergências políticas ocorreram com mais intensidade nas futuras eleições e houve rachas internos, culminando na desfiliação de dezenas de membros dos diretórios estadual e municipais. A desfiliação de quadros dirigentes e militantes do PSB não os deixou sem filiação partidária e muito menos sem participação política. Foi o Partido Comunista Brasileiro – PCB o caminho natural dos ex-socialistas. O grupo dissidente teve em Denis Agra um dos seus animadores e o principal articulador.

A ponderação com que tratava as questões era um fator que o diferenciava dos demais socialistas. A exaltação de alguns fez rapidamente o assunto interno entrar nas pautas dos jornais locais. O que motivou a discussão e a consequente divergência foi a possibilidade de o PSB, que contava com João Neto, deputado estadual, e Ronaldo Lessa, principal dirigente e elo com a direção nacional do partido, abrir, nos bastidores, a discussão política visando a uma provável aliança com o deputado federal José Thomaz Nonô, do PFL.

A tentativa de construir uma aliança entre os socialistas e o PFL fez abrir um campo de luta onde a questão ideológica foi imediatamente posta. A partir das discussões públicas em torno do tema, as conversações, que estavam adiantadas, começaram a retroceder. A mídia impressa batizou o grupo resistente do PSB de xiitas. Essa comparação foi feita em alusão ao grupo radical islâmico que diverge dos sunitas (grupo majoritário).

Era uma menção clara ao grupo minoritário do Islã, os xiitas, que se tornaram conhecidos do mundo ocidental através das ações radicais, principalmente dos atentados e das lutas religiosas e sangrentas travadas no Irã, Iraque e em outros países do Oriente. Essa denominação, por extemporânea, serviu de gozação e se tornou tema de marchas de blocos de carnaval.

Os tais xiitas do PSB, depois de alguns meses de discussões e consultas, resolveram filiar-se em bloco ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). A data acordada entre a direção comunista e os dissidentes socialistas foi o mês de setembro de 1988. A festa de filiação aconteceu no restaurante Asa Branca, na Rua Silvério Jorge, no bairro boêmio de Jaraguá.

O ato ocorreu em plena campanha eleitoral, e o PSB, o PCB e o PT, que estavam coligados, apresentaram candidatos a prefeito: o engenheiro Dílton Simões

(PSB), vice-prefeito (PT), o médico Fernando Barreiros, e a vereadores. O nome apresentado pelos comunistas e apoiado pelos novos filiados foi o do combativo jornalista Freitas Neto, que se candidatava à reeleição, mas não obteve sucesso.

Não demorou muito tempo para que fosse realizado um congresso estadual. O diretório estadual do PCB passou a contar com Denis Agra na sua direção. Em 1989 os comunistas e todo o mundo presenciaram a queda do Muro de Berlim. Esse acontecimento impactou o partido no Brasil e os demais PCs no mundo.

A discussão em torno de novos rumos fez com que os ânimos aflorassem e desencadeou o processo de mudanças radicais, como a troca do nome, a criação de um novo símbolo, a retirada definitiva da foice e do martelo, logomarca ancestral dos comunistas em todo o mundo. Não havia consenso sobre esses temas. Esperanças de salvação eram apontadas como transformações cosméticas, as mudanças de nome e símbolo, mas também, nesse mesmo caminho de mudanças, o programa e a política do PCB seriam substituídos para torná-lo mais palatável aos olhos da mídia e das massas.

Novos militantes ingressariam sem o temor dos símbolos, da cor e do passado histórico, tão marcado pelas campanhas virulentas e anticomunistas.

Denis foi um dos que lutaram para que não houvesse mudança de nome, símbolo e cor. Tradicionalmente, os comunistas são identificados pela cor vermelha. Mas havia uma disputa entre as correntes renovadora e conservadora, que em junho de 1991, durante o IX Congresso do PCB, no *campus* da UFRJ, conseguiram aprovar mudanças substanciais na linha política do partido. O Congresso elege uma nova direção nacional, pela primeira vez disputada entre três chapas, num processo de votação direta dos delegados.

O PCB é sepultado e surge em seu lugar o Partido Popular Socialista (PPS). Essa arquitetura política foi mais uma tentativa de salvar o que restou do antigo partido. O caminho das mudanças e de fortes discussões emocionais foi acompanhado por Denis Agra até os seus últimos dias de vida.

Jornalismo com vocação

Os primeiros textos foram publicados no *Cemes*, órgão dos estudantes do colégio Moreira e Silva, jornal artesanal, produzido num mimeógrafo. Na faculdade de Medicina se torna editor de *A Tesoura*; foi o início efetivo das suas atividades como jornalista, ainda amador, mas responsável pela edição das notícias do jornalzinho. O aprendizado do jornalismo se dá num outro tipo de escola, a do movimento estudantil. Anos depois se tornará revisor, repórter, chefe de reportagem e editor de vários jornais em Alagoas. Como ele próprio afirmou:

A punição aplicada pela ditadura militar que se instalou no país a partir de 1964 me fez jornalista. Saído há pouco da prisão, em 1974, suspenso em minhas atividades estudantis pelo famigerado Decreto 477, tentei o trabalho no início de uma nova vida. Já tinha realizado até exames médicos para assumir uma função na burocracia da Ceal, então Companhia de

Eletricidade de Alagoas. Mas as coincidências da vida me levaram no dia de assumir o emprego a receber um convite para trabalhar na *Rádio Progresso* e no *Jornal de Alagoas*. Mesmo com tudo já certo na Ceal, preferi a nova opção, que me chegou através de uma colega de turma do curso de Medicina, de onde fui suspenso por três anos, sob acusação de subversão, pelo Decreto 477, criado pelo coronel Jarbas Passarinho, ministro da Educação.¹

O ingresso na profissão teve início nas oficinas do antigo *Jornal de Alagoas*, órgão dos Diários Associados, como diagramador. Quando o jornalista paraibano Noaldo Dantas chegou para assumir a direção do velho matutino da Rua Boa Vista, em 1975, encontra na redação um grupo de jornalistas com formações distintas, a maioria composta de jovens. Entre eles, Denis Agra, José Osmando, Marcos de Aquino, Iremar Marinho, Raimundo Gomes e Ana Loureiro. Mas na redação também existia um grupo de experientes jornalistas que davam suporte, a exemplo de Alberto Jambo, Aldo Ivo, Zito Cabral, Tobias Granja, Juarez Ferreira, Rodrigues de Gouveia, Otávio Lima, José Otávio da Rocha e Milício Barbosa.

O diretor Noaldo Dantas em pouco tempo promove alguns desses jovens jornalistas. Denis Agra assume a chefia de redação, cargo importante e de destaque numa redação com tantos experientes profissionais. Alguns deles haviam trabalhado em grandes redações do Rio de Janeiro, a exemplo de Tobias Granja, ex-repórter de *O Cruzeiro*, Juarez Ferreira, de *A Manchete*, e Alberto Jambo, que havia trabalhado em algumas redações de Pernambuco.

A passagem pelo *Jornal de Alagoas* é marcante na vida profissional de Denis Agra, fato que ele próprio confessou, anos depois, num artigo comemorativo dos 80 anos do jornal, quando diz: “a minha escola no jornalismo foi o *Jornal de Alagoas*”.

A mudança de empresa aconteceu em 1976, quando foi convidado pelo editor-geral da *Gazeta de Alagoas*, Márcio Canuto, para assumir a chefia da redação. Nessa época ocorriam mudanças na maneira de confeccionar o jornal. A *Gazeta de Alagoas* estava entrando na era do *off-set* e também vinha adotando mudanças editoriais.

Ao deixar a Arena e se filiar ao MDB em 1979, Teotônio Vilela logo percebeu que necessitaria de um canal de expressão e o foi construindo a partir da sua disposição de lutar pela redemocratização do Brasil. Ao se filiar ao MDB, Teotônio disse ao presidente do partido, deputado Ulisses Guimarães:

Ulisses, eu sou um louco manso que perdeu o rumo do hospício. O que eu quero é que você me deixe andar por aí, me deixe andar pelo Brasil.²

O senador Teotônio Vilela, em 1980, junto com outras personalidades cria um jornal diário, *Tribuna de Alagoas*. O menestrel das Alagoas vinha sofrendo com a

¹ **Jornal de Alagoas**. O jornal de ontem e de hoje na visão de pesquisadores, jornalistas e leitores. 80 anos. Maceió, 1988, p. 79.

² Alves, Márcio Moreira. **Teotônio, Guerreiro da Paz**. Brasília, Senado Federal, 2005, p. 164.

censura em nível nacional e mesmo em Alagoas, onde era empresário do mais importante setor da economia, o sucroalcooleiro, e senador da República. Nem por isso deixou de ser vítima igual a qualquer outro político da oposição, como os deputados José Costa e Mendonça Neto.

A *Tribuna de Alagoas* circulou pela primeira vez em 25 de novembro de 1979, três meses depois de a Lei da Anistia ser promulgada pelo Congresso Nacional (25 de agosto de 1979).

Teotônio Vilela convidou o jornalista Noaldo Dantas para dirigir o jornal. O editor escolhido por Noaldo foi Denis Agra, que inicia a montagem da redação com Bartolomeu Dresch, Carlos Pompe, Claudio Humberto Rosa e Silva (Chefe de Reportagem), Lilian Rose, Iremar Marinho (Chefe de Redação), Jaime Feitosa, Joaquim Alves, José Luiz Pompe, Laerson Silva, Luiz Renato de Paiva Lima, Manoel da Nóbrega, Marcos Aquino, Marileine Dowell, Plínio Jaime Lins, Stefanne Lins, Roberto Vilanova, Waldemir Rodrigues e Nilson Miranda. Os fotógrafos Adailson Calheiros, José Feitosa e Josival Monteiro compunham a redação da Rua do Sol, 405.

O senador foi o principal defensor da anistia no Congresso Nacional, e a criação do jornal fazia parte da estratégia eleitoral a ser empreendida em Alagoas, preparando-se para a disputa eleitoral que viria a acontecer em 1982, quando de sua reeleição. Isso, entretanto, não foi possível. Ao realizar exames médicos de rotina, foi descoberto um câncer na cabeça e num dos pulmões, que pela gravidade requeria cuidados e o obrigou a desistir da reeleição. A notícia impactante impõe mudanças na oposição alagoana.

José Moura Rocha, candidato escolhido pelo PMDB, é deslocado para substituir Teotônio Vilela, e o deputado federal José Costa passa a encabeçar a chapa como candidato a governador, sendo Zeca Torres, político sertanejo, o candidato a vice-governador. O velho senador, mesmo doente, subiu em palanques e pediu votos para os candidatos da oposição.

O jornal *Tribuna de Alagoas* cumpriu um importante papel nesse período, quando o país havia recebido os exilados, banidos, presos políticos e os brasileiros que viviam na clandestinidade, militantes de várias organizações de esquerda, entre elas os Partidos Comunistas. No entanto, perdurava a censura prévia nos meios de comunicação. Jornais e revistas conviviam com censores em suas redações diariamente.

Em Alagoas um clarão se abre com a atitude corajosa do senador Teotônio Vilela, que entrega a *Empresa Gráfica de Comunicação Tribuna de Alagoas*, principalmente o comando da redação, aos mais destemidos jornalistas daquela época.

Durante quase duas décadas não era editado um jornal marcadamente de oposição no estado. A *Tribuna de Alagoas* foi criada para ser esse veículo de comunicação da oposição, democrático e plural, pois só dessa maneira contribuiria para romper com a censura e a autocensura.

Criando jornais: *Opinião e Última Palavra*

O veterano jornalista Noaldo Dantas era um homem com a vocação para criar jornais. Em sua trajetória em Alagoas, criou o semanário *Opinião* e convidou Denis

Agra para editor. A redação contava com grandes nomes da imprensa alagoana como Tobias Granja, Joarez Ferreira e Enio Lins.

A independência da linha editorial acabou por sufocar o departamento comercial. Ontem como hoje, os métodos se repetem. A imprensa, mesmo contando com bons profissionais na redação, é asfixiada pelas forças econômicas dominantes e pela pressão governamental.

A parceria entre Noaldo Dantas e Denis Agra é feita mais vez em 1983 e 1984, com o para editar o jornal semanário *Opinião*, publicação que circulou em Maceió em mais uma tentativa de um jornal independente nas Alagoas. Porém não resistiu à asfixia econômica e fechou as portas.

Em dezembro de 1987, no dia 17, mais um projeto idealizado por Noaldo Dantas, foi para as bancas de jornal. Desta vez, a revista semanal *Última Palavra*, publicação em formato de revista, com 36 páginas.

Denis foi convidado para mais um desafio, agora como diretor editorial. A redação era composta por Mário Lima e Joaldo Cavalcante, dois jovens jornalistas que haviam sido convidados para serem os editores. E mais: Cleide Maia, fotógrafa, Paulo Holanda e Enio Lins, diagramação, criação e ilustração, Stênio Sá Brandão, revisão, Joarez Ferreira, Plínio Lins, Anivaldo Miranda, Roberto Vilanova, José Luiz Pompe, Fátima Almeida, Marcelo Firmino, Ricardo Castro e Bleine Oliveira, repórteres e redatores. Os colunista e colaboradores, Zélia Cavalcante, José Otávio da Rocha, Cristina Sampaio, José Moura Rocha, Elinaldo Barros, Maria Dânia Jungues e Jorge Oliveira, este, correspondente em Brasília.

Depois de editar os principais jornais de Alagoas, Denis não se furtou a mergulhar na criação de um jornal no interior do estado. Como assessor de imprensa da Prefeitura Municipal de São Miguel dos Campos lançou a *Folha Migueleense*. Fez de uma publicação oficial um jornal informativo, com reportagens bem tratadas e com destaque.

X Congresso Sindical Mundial

A Federação Sindical Mundial (FSM) era o braço sindical internacional dos partidos comunistas, que tinha nos países do Leste Europeu a sua base de apoio. No antigo bloco socialista a FSM foi criada. O Partido Comunista Brasileiro (PCB), por intermédio dos seus militantes no movimento sindical ou em aliança com aliados, procurou rearticular as confederações, federações e os sindicatos no início da década de 1980.

As relações políticas do movimento sindical brasileiro haviam sido cortadas desde 1964, quando, em 1º de abril, os militares romperam a ordem constitucional e deram um golpe, depondo o presidente João Goulart. Os contatos mantidos entre os comunistas e os dirigentes da FSM, ocorridos durante os 21 anos de ditadura militar, foram contatos clandestinos ou com os exilados, mas que não tinham ligações com o movimento de massas no Brasil.

O X Congresso Sindical Mundial aconteceu entre os dias 10 e 15 de fevereiro de 1982, em Havana, Cuba. Esse foi o primeiro evento em que sindicalistas comunistas ligados ao PCB foram convidados. Toda a articulação realizada no Brasil ocorre a partir do PCB, sob a coordenação da Seção Sindical, órgão do Comitê Central (como era denominada a direção nacional, naquela época). O jornalista e radialista alagoano Nilson Amorim de Miranda, antigo dirigente sindical que teve os seus direitos políticos cassados e viveu alguns anos exilado em Moscou, Paris e Lisboa, compunha a seção sindical.

A participação do Brasil no X Congresso foi significativa; estiveram presentes 25 delegados de vários estados e categorias profissionais e 351 organizações sindicais de 135 países, representando 260 milhões de trabalhadores dos seis continentes.

O presidente de Cuba, Fidel Castro, foi pessoalmente receber a delegação brasileira e depois a convidou para um encontro particular após o congresso, oferecendo aos sindicalistas brasileiros uma visita às principais províncias e colocando à disposição um avião, um tradutor e hospedagem durante cinco dias.

Esse tratamento especial serviu para aproximar os sindicalistas do governo cubano, pois havia em curso uma discussão em torno do reatamento das relações diplomáticas entre Brasil e Cuba. Os sindicalistas faziam parte da estratégia de divulgação das conquistas da revolução cubana.

A delegação brasileira era composta por Humberto Aparecido Dominguez (metalúrgico – SP), Denis Jatobá Agra (jornalista – AL), João Carlos Araújo Santos (petroquímico – RJ e membro da comissão Pró-CUT), José Francisco Campos (metalúrgico – SP), José de Oliveira (metalúrgico – Santos), Pedro Gomez Sampaio (petroleiro – Santos), Luiz Tenório de Lima (membro do Birô da FSM), Ivan Martins Pinheiro (bancário – RJ e membro da comissão Pró-CUT), Armindo Gomez (alfaiate e costureiro – RJ), Hélio Mello (servidor público brasileiro), Gonçalo Santos de Melo (petroleiro – BA e membro da comissão Pró-CUT), Benedito Furtado de Andrade (portuário – Santos), Edvaldo Gomes de Souza (eletricitário – PE e membro da comissão Pró-CUT), Omar Braga Mendonça (químico – SP), Antonio Carlos Batista da Costa (metalúrgico – RJ), Irineo Rabecca (metalúrgico – Osasco-SP), Raimundo Rosa Lima (padeiro – SP e membro da comissão Pró-CUT), Augusto Silveira de Carvalho (bancário – DF), Guilherme Tell Quintão Furtado Gomes (professor – MG e membro da comissão Pró-CUT), Nair Goulart (metalúrgico – SP), Darciane Antonio de Carvalho (professor – ES), Pretextato José da Cruz (unidade sindical – RN), Pugliese José Ivan Dantas (petroquímico – BA) e Annibal Fernandes (advogado e jornalista – SP).

O porta-voz da delegação brasileira no X Congresso Sindical Mundial foi o dirigente bancário carioca Ivan Martins Pinheiro, que foi à tribuna do congresso e declarou:

Nos últimos 18 anos, como sabem os companheiros de todo o mundo, a classe trabalhadora brasileira esta submetida a um sistema ditatorial e repressivo que dificulta o desenvolvimento da organização sindical, o

exercício dos mais elementares direitos civis, políticos, econômicos e sociais.³

Essa foi a maior e mais significativa participação do jornalista e dirigente sindical Denis Agra. Ter discutido com sindicalistas de todos os cantos do planeta o ajudou a mudar a sua percepção do movimento sindical.

O movimento sindical que vinha se organizando em Alagoas não tinha a participação expressiva dos comunistas do PCB; nem de longe havia algo parecido com a influência exercida pelos comunistas no pré-64. A década de setenta e o início da de oitenta contavam com sindicalistas com formação da esquerda, vinculados ao nascente Partido dos Trabalhadores, ao Partido Comunista do Brasil, independentes, católicos e ao movimento trabalhista do PMDB.

As articulações sindicais locais e nacionais aconteciam com o intuito de criar uma central sindical. Contudo, o campo petista não se relacionava com as centrais sindicais dos países que compunham o chamado bloco socialista com a mesma desenvoltura que os comunistas. Os sindicalistas comunistas se alinhavam automaticamente ao movimento sindical dos países socialistas. Alguns anos depois a relação sindical internacional se inverteu, os petistas tomaram a dianteira e passaram a ser uma referência internacional. Aliás, hegemonzaram esse campo.

O convite feito pelo experimentado jornalista Nilson Miranda era uma possibilidade que surgia para estreitar ainda mais as relações entre Denis Agra e o PCB em Alagoas, que vinha se reorganizando e tinha pouca inserção no movimento sindical. Nilson Miranda voltou com a anistia em 1979, e em pouco tempo foi eleito dirigente do Sindicato dos Jornalistas, sendo em seguida eleito para a diretoria executiva da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Comunicação e Propaganda (Contcop).

Em depoimento prestado ao jornalista Joaldo Cavalcante, anos depois da viagem, Denis Agra deu alguns indicativos do impacto que a visita a Cuba lhe causou:

[...] O que mais impressionou Denis foi a qualidade de vida da população. Como bom repórter, cascavilhou bastante e não encontrou mendigos por onde passou. As pessoas se vestiam modestamente, mas não havia maltrapilhos perambulando pelas ruas da cidade. Denis encontrou um sistema educacional que erradicou o analfabetismo. [...] Era chegada a hora de voltar ao Brasil. Antes Fidel Castro convidou todos os brasileiros para uma festa de despedida. Havia interesse do presidente cubano em razão da importância brasileira na América do Sul. A festa foi muito animada. Em certa altura, Fidel retira-se bruscamente. Denis cobrou informações de um assessor, que disse ter ele ficado emocionado com a confraternização.⁴

³ **Voz da Unidade**, nº 95, p. 8, edição de 5/3/1982.

⁴ Cavalcante, Joaldo. **A Última Reportagem**. Maceió, edição do autor, 1993, p. 50, 51.

A ida ao X Congresso Sindical Mundial aumentou ainda mais as convicções do dirigente sindical e jornalista sobre o socialismo cubano, pois *in loco* pôde presenciar as conquistas da sociedade cubana no período revolucionário implantado em 1959. Mas também contribuiu para, em certa medida, aproximá-lo do PCB. O veterano dirigente comunista Nilson Miranda foi o responsável por isso.

Prisões

A ditadura militar sufocou os partidos que defendiam a luta armada. O cerco sobre o Partido Comunista Revolucionário (PCR) deu-se em 1973. As prisões ocorreram do Rio Grande do Norte a Paraíba e Pernambuco – principal base e onde os mais importantes dirigentes do partido atuavam e moravam clandestinamente. As atividades públicas da pequena e aguerrida militância do PCR era vista através de pichações em muros de avenidas movimentadas e em ginásios de esportes, em panfletagens noturnas.

O serviço de informações atuava no *campus* da UFAL e não demorou a identificar e prender os estudantes vinculados ao PCR. Foram presos os irmãos Fernando José de Barros Costa e Jeferson de Barros Costa, Denisson Cerqueira de Menezes, Norton de Moraes Sarmento Filho, Flávio Lima e Silva, Paulo de Azevedo Newton, Breno e Denis Jatobá Agra, assim como os médicos Luiz Nogueira Barros e Hélia Mendes. Nogueira já havia sido preso em abril de 1964, acusado de pertencer ao PCB. A polícia política do regime acusava a ambos de manterem ligações com o principal dirigente do PCR, o alagoano Manoel Lisboa de Moura.

Manoel Lisboa de Moura mantinha contatos clandestinos em Alagoas, tanto com os militantes do PCR como com antigos amigos e eventuais aliados. Era o caso dos dois médicos com quem mantinha contatos desde o período anterior ao golpe militar.

Quando ocorreram as prisões em Alagoas, Denis Agra se encontrava no Rio de Janeiro, em férias. Fora avisado das prisões por telefone por Breno Agra, preso em seguida. Voltou a Maceió no final das férias e se apresentou acompanhado de um advogado:

[...] chegou à sede da Polícia a Federal acompanhado de um advogado. O clima era de apreensão, porque, nessas questões de segurança, não sabia como funcionava o sistema internamente. Os interrogadores deram um extenso questionário, e Denis passou o dia inteiro respondendo. No final da tarde, o delegado ficou em dúvida se o liberava para responder pelo suposto crime em liberdade, ou se o mantinha detido nas celas da repressão. [...] Inicialmente, passou 23 dias isolado num cela. Depois ficou fazendo companhia a um camponês do Rio Grande do Norte, que também era militante do PCR. [...] Eles achavam que o prisioneiro alagoano tinha papel de relevância no comando do partido. A suspeita foi fortalecida em razão da ausência de Denis no Estado, quando foram desencadeadas as prisões.

Na verdade, coincidiu com as férias. As explicações não convenciam. Resolveram, enfim, partir para o método clássico do regime: a tortura.⁵

Depois de amargar dias de torturas, foi colocado num veículo do Exército e levado de volta a Maceió, com parada no quartel do 20º Batalhão de Caçadores (20º BC). Antes, quando o levaram para Recife, ficou preso na guarnição do Exército. A Dopse “recepcionou” o preso e em seguida o transferiu para o presídio São Leonardo. O período em que esse grupo de estudantes e profissionais liberais esteve preso foi de cerca de sete meses. A conquista da liberdade o deixou fora da universidade enquanto cumpria a suspensão aplicada pelo Decreto 477; em seguida, voltou a cursar Medicina, mas não concluiu o curso. Mudou radicalmente o rumo da sua vida, abandonou a universidade e foi trabalhar como jornalista profissional no *Jornal de Alagoas*.

O primeiro *ombudsman* de Alagoas

O jornal *Gazeta de Alagoas* em 1991 colocou em curso um projeto de reforma e um dos primeiros atos anunciados foi a criação da figura *ombudsman*. Esse profissional, pago para criticar a própria empresa, seria o crítico com a visão do leitor, essencialmente. O primeiro no gênero na imprensa brasileira foi Caio Túlio Costa, jornalista da *Folha de São Paulo*, desde 24 de setembro de 1989. “Aquele que representa”, na tradução livre do sueco, o *ombudsman* escolhido pela direção da *Gazeta de Alagoas* foi Denis Agra. Mais uma vez ele larga em primeiro lugar na sua profissão. O nome a ser escolhido mereceu, por parte da direção da empresa, precauções, pois constituía uma função em que a independência seria o ponto-chave para o sucesso. Não era comum na grande imprensa, como até hoje ainda não é, a figura do *ombudsman* numa redação, com imunidade durante um período. A imunidade se estendia por mais um ano após deixar o cargo, tendo como única função investigar as relações da mídia com a opinião pública, com os leitores e criticar os colegas de redação.

Mais complexo ainda seria a atuação dele em Alagoas. O jornalista José Osmando, velho companheiro desde os tempos do *Jornal de Alagoas*, foi incumbido da missão de falar com Denis Agra. O desafio foi aceito, era assim que Denis encarava aquela novíssima função, tanto para ele, jornalista experiente, como para o jornalismo alagoano.

O jornalista Joaldo Cavalcante descreve todo esse processo em seu livro *A Última Reportagem*:

Enfrentando o tratamento contra o câncer, Denis fez algumas consultas a amigos e aceitou o desafio, apresentando uma condição: nas ocasiões em que ele viajasse para São Paulo, a fim de continuar a luta contra o câncer, eu (Joaldo) faria reservadamente a coluna, mantendo a

⁵ Idem, p. 34, 35.

circulação semanal regular. A condição foi aceita, mas esse detalhe ficou entre mim, Denis e José Osmando.⁶

A coluna do *ombudsman* foi publicada pela primeira vez na edição do dia 1º de dezembro de 1991. As colunas seguintes foram feitas por Denis e Joaldo Cavalcante, como foi acordado pelo representante da empresa. A doença foi debilitando o *ombudsman*, e aos poucos o “regra-três” foi assumindo a função, até que, num determinado dia, o diretor da *Gazeta de Alagoas*, jornalista Pedro Collor, foi informado de que a coluna do *ombudsman* estava sendo escrita pelo então presidente do Sindicato dos Jornalistas.

O segundo *ombudsman* da *Gazeta de Alagoas* e da história do jornalismo alagoano, Joaldo Cavalcante foi escolhido na condição de interino.

Movimento sindical

O Sindicato dos Jornalistas de Alagoas foi um dos poucos sindicatos a entrar na luta aberta pela anistia para os presos políticos e contra a ditadura militar. Maceió sediou o 17º Congresso Nacional de Jornalistas Profissionais entre os dias 9 e 12 de agosto de 1978. Na época, o presidente do sindicato era o jornalista João Vicente Freitas Neto, que junto com a Federação Nacional dos Jornalistas organizou o congresso. Ao final foi lida a carta de Maceió, sendo denunciada a violência contra o povo brasileiro e contra os jornalistas. Foi também lida uma carta enviada pelo radialista e jornalista Haroldo Miranda, irmão do advogado e jornalista Jayme Amorim de Miranda, denunciando o desaparecimento deste em fevereiro de 1975, no Rio de Janeiro.

Jayme Miranda foi diretor do semanário *A Voz do Povo* e quando foi sequestrado era membro da Comissão Executiva do Comitê Central do PCB e secretário de organização. A carta foi lida na presença do governador Divaldo Suruagy. O presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, David de Moraes, acompanhado de dezenas de jornalistas pediu esclarecimentos ao governador Suruagy sobre o assassinato do jovem Jailton dos Santos Oliveira, atribuído a policiais de Alagoas.

Durante a gestão do jornalista Freitas Neto foi deflagrada a primeira greve dos jornalistas em Alagoas. A greve de 1979 conseguiu paralisar todas as redações e colocou os patrões na mesa de negociação. Houve ameaças de demissões, prisões e intervenção no sindicato, feitas pelo delegado Regional do Trabalho, José de Barros Sarmiento, fiel, servil e entusiasta da ditadura militar em Alagoas. Os jornalistas que dirigiram a greve não se deixaram amedrontar e conquistaram avanços importantes para a categoria.

A trajetória de lutas acumuladas na gestão do jornalista Freitas Neto foi o capital político para a sucessão em 1981. O nome escolhido pela diretoria foi o de Denis Agra. Entretanto a chapa de oposição mantinha estreitas ligações com o patronato e teve em

⁶ Idem, p. 62.

Gabriel Mousinho o nome mais representativo para enfrentar o grupo que havia renovado o sindicato e influenciado a organização do movimento sindical alagoano.

Houve uma mobilização nunca vista, pelo menos até aquele momento. As redações se mantiveram mobilizadas; pressões patronais, ameaças de demissão, tudo valia para tomar o sindicato das mãos dos jornalistas mais combativos, e mais ainda, para quebrar a hegemonia que viria a se formar com a eleição de Denis Agra, sucedendo Freitas Neto.

O Sindicato dos Jornalistas de Alagoas manteria uma linha de combatividade e de lutas por melhores condições de trabalho, melhores salários e liberdade de imprensa. A eleição aconteceu num clima de muita disputa e imprevisibilidade, mas a chapa encabeçada por Denis Agra alcançou a maioria dos votos, com uma diferença de 26 votos.

As lutas abraçadas pela diretoria do Sindicato dos Jornalistas foram marcantes. A primeira grande batalha se deu para garantir a vida do jornalista e advogado Francisco Guilherme Tobias Granja, assassinado em 1982 e advogado do cabo da Polícia Militar José Henrique da Silva, celebre vingador dos assassinatos dos seus familiares, pai e irmãos, praticados por Ernesto e outros membros da família Calheiros.

Alagoas vivia um clima de total insegurança. O crime de mando era uma rotina e o *Sindicato do Crime* mantinha um profundo enraizamento no poder político, com atuação aberta e permitida pela Secretaria de Segurança Pública. É nesse clima de violência que Denis Agra serenamente se posiciona, mantendo um compromisso ético e moral de defesa da vida, dos seus companheiros jornalistas e da liberdade.

A luta corporativa também foi realizada com sucesso. Denis Agra, em companhia de outros jornalistas, solicitou e conseguiu do governador Theobaldo Barbosa um imóvel do Estado, em regime de comodato e por um período de cinquenta anos, o qual se transformou na *Casa da Comunicação*, sede dos sindicatos dos jornalistas, radialistas e relações públicas.

As conquistas obtidas na sua gestão o credenciaram para a reeleição. O nome apresentado pela oposição foi o do jornalista Flávio Gomes de Barros. A disputa mais uma vez mobilizou as redações e colocou o patronato também em campo, apoiando o candidato de oposição. A participação do Sindicato dos Jornalistas na organização do movimento sindical era uma referência, pois embora sendo uma categoria pouco expressiva numericamente, contava com grandes lideranças sociais e formadoras de opinião no movimento sindical e na sociedade.

A disputa política no sindicato aumentava. Os vários grupos de esquerda estavam representados na chapa de Denis Agra, além de outros segmentos democráticos e lideranças das redações, como Márcio Canuto, Valter Oliveira, Marcelo Firmino, Cláudio Humberto Rosa e Silva, Rubens Cerqueira, o Caximbau.

A polarização se deu inevitavelmente, com um fato nunca presenciado na disputa pela diretoria do Sindicato dos Jornalistas, e ganhou contornos de uma verdadeira disputa entre facções do poder local. Havia as “mãos invisíveis” da máquina estatal por trás, fortalecendo a chapa de oposição, que também conseguiu nomes representativos, velhos jornalistas como Aldo Ivo, Alberto Jambo, Romero Vieira Belo, Gabriel Mousinho, tanto na chapa como entre os apoiadores.

A chapa da situação, encabeçada por Denis Agra, venceu com uma diferença de oitenta votos. Os dois mandatos na presidência do Sindicato dos Jornalistas de Alagoas o credenciaram para disputas mais altas, tendo ele participado das articulações para a formação de chapa da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ); mas por falta absoluta de vontade de deixar Alagoas, preferiu ser candidato a vice-presidente para a região Nordeste.

A preocupação com a formação de quadros e sua sucessão no movimento sindical dos jornalistas era pública e se concretizou depois de ser por duas vezes presidente do sindicato. O seu último cargo na diretoria foi o de secretário de imprensa e divulgação do Sindicato dos Jornalistas profissionais de Alagoas.

Fontes:

Jornal de Alagoas – 80 anos, Maceió, *Jornal de Alagoas*, 1988.

Cavalcante, Joaldo. **A Última Reportagem**. Maceió, edição do autor, 1993.

Alves, Márcio Moreira. **Teotônio, Guerreiro da Paz**. Brasília, Senado Federal, 2005.

Saldanha, Alberto. **A Mitologia Estudantil**. Maceió, Sergasa, 1994.

Anais do 17º Congresso Nacional dos Jornalistas Profissionais. Maceió, Sergasa, 1978.

Voz da Unidade, nº 95, São Paulo, edição de 5/3/1982.

Agra, Denise Medeiros, **entrevista** feita pelo autor, não gravada, realizada em maio de 2011.